

Entre cantos e risos: uma travessia filosófica

Letícia Conti Decarli* & Mariana de Toledo Barbosa**

SILVA, Cíntia Vieira da. *Devires-filosofantes*. Coleção X (Organização Rafael Haddock-Lobo). Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020, 82 p.

Cíntia Vieira da Silva, em seu novo livro, nos convida a acompanhá-la em devires-filosofantes. Ou melhor, *Devires-filosofantes* nos arrastam irresistivelmente, num movimento que tem como desafio se relançar a cada risco de parada definitiva. As pausas, ou pousos, são apenas um respiro para um novo voo, ou canto. Elas se espalham como clareiras em meio a uma floresta povoada por personagens conceituais inabituais: gatos, pessoas trans, palhaços, e ainda, sempre elas, as crianças, esses seres-germes. A brincadeira com conceitos perpassa as páginas e nós nadamos nessas águas, seguimos até o fundo, voltamos à superfície, atravessamos esse elemento fluido e vital. A apresentação parece trazer uma professora de filosofia. E traz. Mas rapidamente aprendemos que uma professora de filosofia é uma cantora, uma mulher, e se deixa tomar facilmente por um devir-gato, um devir-palhaço, um devir-criança, um devir-trans (este se constituindo como uma espécie de pleonasma). Uma filosofia da vida cotidiana, pois viver é inseparável de experimentar novas formas de pensar, sentir, perceber. Assim entremeiam-se livros e relatos de experiência em primeira pessoa. Esses fragmentos biográficos, que trazem a terceira asa da filosofia, o afeto, sempre acompanhado do percepto e do conceito, dão impulso à construção de um ponto de vista singular, que nos permite aceder, desde dentro, às ideias. Num estilo que nos faz deslizar pelas páginas, os conceitos vêm e vão, sem nunca assumirem uma posição rígida e estável. Se, para Deleuze, os conceitos se revezam com cantos, aqui eles parecem dançar alegremente e fazerem dançar cada uma de nossas moléculas.

O que há de comum entre a aplicação de cosméticos cremosos e as lambidas dos felinos? Entre uma menina que quer jogar futebol, resgatar gatos na rua, e se aventurar, como atriz-mirim, em busca de brinquedos perdidos e feministas que buscam explodir qualquer parâmetro de feminino e masculino? Entre a transformação sempre em curso de uma mulher

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFF. Contato: leticiaconti@id.uff.br

** Professora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFF e do Departamento de Filosofia da UFF. Contato: mari_tb@hotmail.com

em homem trans, o habitar de um apartamento vazio e uma obra de arte contemporânea? Entre um palhaço e um filósofo cínico? Com liberdade e consistência, Cíntia Vieira da Silva circula num espaço que liga esses termos e tece laços entre eles, talvez nos indicando que nós também podemos usar nossas palavras e nosso humor para pensar. Como agulhas, temos nossos corpos e nossas ideias que se encontram e têm suas potências aumentadas, e as linhas são muitas: filosofias, artes, anedotas. Retomando os cínicos, Spinoza, Nietzsche e Deleuze, a autora borra os limites entre pensamento e vida, assim como entre filosofia e história da filosofia. E o que pode uma professora de filosofia (uma menina, uma mulher, uma cantora, uma palhaça)? Eis a questão que parece conduzir esses devires-filosofantes.

Depois do belo abre-alas de Rafael Haddock-Lobo, que nos recebe com um prefácio tocante, surge em cena nossa menina-mulher-cantora-dançarina-palhaça-professora de filosofia, que se faz compositora (de textos, de palavras), numa tentativa de escapar de opressões presentes não apenas no âmbito social propriamente dito, como no próprio ambiente filosófico. Deleuze vem de mãos dadas com ela, junto com uma série de cantoras, para deixar claro que a trajetória dessa “pesquisadora, escritora e professora tem sido a de uma cantora improvisadora”.

No primeiro improviso, ela ensaia uma cosmeto-teologia, investigando o que nos move na aplicação de substâncias cremosas na pele, mesmo diante da constatada ineficácia destes produtos em promover o rejuvenescimento prometido. Como o que é cremoso poderia endurecer? Por que compramos e usamos cremes caros e ineficazes contra celulites, rugas etc.: uma luta contra o inexorável, um culto ao absurdo, uma entrega ao que não tem sentido? As massas estariam sendo enganadas pela mídia, pela indústria cosmética, pelos cartéis de petróleo? Sem descartar a manipulação por inimigos, a autora nos sugere tomar outra direção: a de questionar por que desejamos “um padrão que acopla beleza e juventude, vigor, firmeza, rigidez”. Um desejo de eternidade, um “apelo aos deuses mágicos do tempo”? Estamos envolvendo a nossa pele com uma capa protetora contra as forças da natureza, do sol, dos ventos, como num ritual religioso, ou de magia? Estamos nos preparando para a guerra? E seria antiecológico esse consumo desenfreado de cremes? A cultura da abundância revela algo acerca de nossa capacidade de fabular e de nosso desejo e sua infinita produção. Ou, ainda, ilumina a difícil equação, enfrentada por nós, animais civilizados, desde a infância: entre voracidade e contenção. A preservação do planeta não teria que levar em conta nosso

desejo de expansão? Como escapar dos dois extremos: por um lado, um esgotamento de todos os recursos numa aposta irresponsável no futuro e, por outro, uma austeridade castradora? Talvez seja preciso reformular o problema, pois se observa uma assimilação do desejo de eternidade com o desejo de absoluto que se manifesta justamente na tentativa incessante de preencher uma falta cavada por poderes a que estamos submetidos. Mas esta assimilação não decorre da “grande ilusão que transforma a produtividade desejante em avidez consumista”? Ademais, o eterno se distingue em dois modos: um eterno como absoluto ideal, quantidade infinita e ilimitada, e outro que se confunde com a eternidade do instante, com a alegria em seu mais alto grau, um ilimitado qualitativo. Este segundo eterno, espinosista, concerne às individualidades pensadas como processos de individuação, desdobramentos de potências, e as torna comunicantes: sentir e experimentar que somos eternos. Tão logo menciona a talvez mais linda ideia de Espinosa, nossa autora salta, num devir-gato, para o entrelamber-se consciencioso dos felinos, que, como diz Chico Buarque, já nasceram livres, e podem se entregar a ações e sensações sem finalidade.

No segundo improviso, somos de início arrebatados por um título que já anuncia a que veio: a proposta de desviar da pergunta “o que é ser mulher?” imediatamente se dispõe como um primeiro coeficiente de devir-mulher. Tal proposta coloca o desafio de atravessar as fronteiras de um ser sexuado para se tornar mil outros. Não teríamos já tantas definições de mulher? Não haveria chegado a hora de extrair desse ser mulher partículas indomáveis que nos impelem a uma zona de indiscernibilidade dos sexos? Não seria essa uma nova tarefa – mas claramente não a única – dos feminismos? Num instante o título suscita perguntas e prepara o terreno para o que vem a seguir. Desse modo, em vez de abrir o texto partindo de seu lugar histórico de mulher, lugar mais óbvio para se falar sobre feminismo, Cíntia opta por começar por ninguém menos do que por uma menina, a quem Deleuze e Guattari se referem como um ser de fuga que atravessa as dualidades, desliza e passa entre as idades e os sexos. Acompanhamos então a trajetória de uma menina (ou menino) mineira(o) que ressoa com as aventuras de Alice, caracterizadas pela perda do nome próprio e da identidade pessoal. Essa “vivente”, apesar de ter sido nomeada Cíntia e chamada de menina, vive explorando territórios inúmeros, alguns desses culturalmente qualificados como masculinos e, como é próprio às crianças, procura agenciamentos que não se especificam sob um sexo apenas. Com isso não nos espanta constatar que, ao crescer, nossa personagem se apaixone

pela filosofia – esse lugar por tanto tempo negado às mulheres. Quando se depara com pensamentos como o de Paul B. Preciado e Virginie Despentes, a necessidade de escrever, pensar e se aventurar em questões sobre feminismos, devir-mulher e afins se encontra intensificada. Caminhamos então num texto cujas muitas vozes componentes – felinas, filosóficas, femininas, masculinas, cantantes e dançantes – agora são multiplicadas ainda mais pela interlocução com Preciado e Despentes. A proposta contida no título persiste e serve como fio condutor do caminho transviante do texto. Cíntia enfatiza que Despentes não só escreve para as mulheres que não correspondem a um padrão ideal, mas também para os homens que, querendo ou não, são dissidentes do mundo masculino. De fato, desviando da pergunta “o que é ser mulher?”, passamos do convite de Despentes à revolução dos gêneros para subitamente cairmos em *Testo Junkie*, onde o constante processo de desidentificação de Preciado com a feminilidade comparece em seu relato acerca da experimentação com a testosterona. O que está em jogo nessa conversa em que Cíntia nos insere é “da ordem de uma *revolução molecular* de modulação guattariana”, isto é, da própria modificação do desejo no que tange à compulsória identificação com um sexo ou outro. Para Preciado, o seu uso de testosterona não se explica por passar de um gênero a outro, mas sim por dissolver as fronteiras da diferença sexual com vistas a subverter uma ordem de dominação. Aterrissamos ao fim do texto, arriscaríamos dizer, com a insistência de um desafio suscitador de devires que colocam a categoria *mulher* em variação.

No terceiro imprevisto, o contato com o pensamento de Preciado continua e se faz ainda mais presente. Agora somos introduzidos à teoria da contrassexualidade que, tendo como princípio o dildo, nos oferece práticas realçantes do caráter artificial das identidades sexuais e de gênero. Em seguida, nossa autora expõe o seu entusiasmo pela narrativa de *Testo Junkie*, em que Preciado se faz “rato de seu próprio laboratório” e experimenta, por meio da testosterona em gel, um estranhamento de si e da identidade feminina que lhe fora atribuída no nascimento sem, no entanto, se identificar com uma identidade fixa masculina. Cíntia enfatiza a continuidade entre o projeto de subversão do binarismo de gênero/sexo no *Manifesto Contrassexual* e o uso da testosterona em *Testo Junkie* enquanto um veículo de desidentificação e variação dos limites entre o que se entende por homem e mulher. Diante disso, a autora relata a sua surpresa quando, dois anos depois da publicação de *Testo Junkie*, Preciado inicia um processo judicial de requerimento da identidade masculina. Dispensando

um tratamento moral da questão, Cíntia interroga se essa seria uma mudança radical de posição do filósofo espanhol. Se Preciado diz fazer uso da testosterona não para se tornar homem e sim para “contaminar” as bases da produção da diferença sexual, por que tal mudança de identidade sexual dois anos depois se faz necessária? O requerimento da identidade masculina jurídica colocaria em contradição todo o seu pensamento anterior? As dificuldades práticas de uma pessoa trans que não possui ainda a mudança legal de identidade são gritantes. Mas, para além desse motivo evidente, a impressão de contradição é desfeita quando, em seu novo livro, *Um apartamento em Urano*, Preciado descreve a sua transição não como a simples passagem de um polo feminino a outro masculino, mas como a produção de um corpo trans que não se adequa a nenhum dos dois, mas promove um desequilíbrio no regime da diferença sexual. De acordo com Cíntia, “transicionar é também uma experimentação micropolítica e estética”, fazendo jus portanto a uma estética contrassexual que não se pauta por nenhuma lei normativa, mas “por valores definidos pelo aumento de potência de fruição dos corpos”. A autora tece uma fina rede de conexões entre a estética da existência foucaultiana, a produção de uma subjetividade trans dissidente e manifestações artísticas. Chegamos ao fim do texto com a impressão de que ele se compõe com o anterior na medida em que a tarefa de desidentificação dos polos do binarismo vem de modo inseparável daquela de criar novas maneiras de pensar, desejar e existir para além do sufocante regime da diferença sexual.

No quarto e último improviso, Cíntia nos presenteia com uma clownfilosofia, um pensamento que alia racionalidade e jogo, que vai do racional ao irracional e vice-versa, deixando-se afetar pelo acaso, pelo improviso, embora sempre orientado pela alegria, pela leveza e pela força corrosiva do humor, que abala uma a uma as diversas estruturas de poder. Na companhia de sua amiga de graduação Luciene Torino e de Kátia Maria Kasper, aproxima os palhaços dos cínicos e alguns outros filósofos – põe a Diógenes, Espinosa, Nietzsche, Deleuze e nós mesmos no picadeiro, ou nos dispõe a todos, filósofos, leitores, e os clowns Leo Bassi, Charles Chaplin, Chacovachi, Biribinha, o Gordo e o Magro, o CIRCA - Clandestine Insurgent Rebel Clown Army (Exército Clandestino Insurgente e Rebelde de Palhaços), bufões, bobos da corte, além de dois professores de filosofia-palhaços em praça pública – e nos esfrega na cara, à maneira de uma torta coberta de creme (de chantilly ou de barbear), toda a miséria, a destruição, o preconceito que nosso mundo é capaz de produzir.

A insubmissão e irreverência de Leo Bassi quanto a ocupar uma posição sociopolítica predeterminada, num imaginário diálogo com Bush no pós-11 de setembro, rende a criação de uma pequena identidade dos palhaços com os cínicos, cujas anedotas revelam atitudes e pensamentos críticos, denunciadores da hipocrisia das convenções sociais e constituintes de uma maneira de viver, de uma ética, de um estilo. Além da iconoclastia cínica, a palhassofia incorpora a gaia ciência nietzschiana, num “jogo ético-estético [que] se contrapõe às finalidades ou utilidades que se colocam na base da moral”. Espinosa também faz parte deste jogo, pois descreve os efeitos dos encontros entre corpos e os processos de trans-individações deflagrados por eles, descartando tanto os valores morais universais de Bem e Mal quanto a referência a qualquer sujeito identitário ou individualidade demarcada. Em seguida, um Diógenes que defende a igualdade e debocha de Alexandre, o Grande, sai de cena para a entrada de um palhaço do terceiro mundo, Chacovachi, que busca compensar a desigualdade na distribuição mundial do poder por meio de uma repartição justa de tortas a serem lançadas reciprocamente nas caras de seus portadores. O próximo número é de Biribinha, que reencontra na plateia e reabilita diante do público um antigo companheiro, que, embriagado, bagunça o coreto e é detido pela equipe de segurança antes de ser reconhecido. Desfeito o mal-entendido – que serve para se bem entender o espírito policialesco que por vezes vigora –, os dois são interrogados por um terceiro palhaço, e se ouve que ambos estão desempregados, passando fome. O Magro, com sua dupla o Gordo, viveu situação semelhante e se pôs a comer a palmilha de seu sapato, ao constatar a impossibilidade de pagar os pratos de um restaurante. A privação passa a ter uma existência positiva, ou melhor, a falta é transmutada em produção. O contrário ocorre a Antístenes, que quer provar a existência de algo denegado: o movimento, contestado nos famosos paradoxos de Zenão. Para se opor a estes, Antístenes, numa iniciativa cheia de humor, simplesmente se desloca no espaço. Todavia, isso não implica um incentivo ao abandono do discurso. O que a autora quer, com a clownfilosofia, é “buscar uma vitalidade da palavra, trazer para os conceitos a força corrosiva e criadora dos antigos cínicos e dos palhaços contemporâneos”.

A leitura de *Devires-filosofantes* é uma deliciosa travessia filosófica por conceitos que são entoados e coreografados por múltiplas vozes e corpos. Uma travessia que não é feita por um indivíduo que lê, posto que a leitora ou o leitor é levada(o) por devires filosóficos. Segundo a própria autora, reúne-se aqui uma “constelação” de textos que ressoam entre si.

Talvez a palavra “transversalidade”, no sentido conceitual deleuzo-guattariano, descreva muito bem essa travessia. Uma vez que no livro adentramos, somos atravessados por forças transversais que nos retiram de nossa identidade habitual. A cada texto fazemos parte de um novo composto de forças que suscitam o pensamento. Cíntia encontra uma voz singular ao fazer coro com outros pensadores e pensadoras, mas também com os felinos, com experimentações sexualmente dissidentes, com palhaços e bufões. Como é digno de uma tecelã de mão suave e habilidosa, temos diante de nós uma peça composta por uma trama de fios complexa, delicada e multicolor. Entre as próteses cremosas e gelatinosas e os risos irreverentes de palhaços e filósofos cínicos, *Devires-filosofantes* nos instigam novos pensares e cantares.

Recebido em 14/01/2020

Aprovado em 01/04//2020